

*Modernização, agroindústrias e
transformação do espaço no Sudoeste de
Goiás: da criação de gado aos complexos
agroindustriais de soja e de carnes¹*

*Modernization, agribusiness and transformation of
space in the southwest of Goiás: creation of cattle to
agroindustrial complex of soybeans.*

*Modernización, la agroindustria y la transformación del
espacio en el suroeste de Goiás: creación de ganado a
complejo agroindustrial de la soja.*

Ronan Eustáquio Borges
Universidade Federal de Goiás
ronanborges@iesa.ufg.br

Resumo

O presente artigo apresenta uma leitura da transformação do espaço (espaço usado) na região do Sudoeste de Goiás, a partir do processo de modernização (inserção de elementos tecnológicos, novas relações e processos produtivos no campo). Fizemos um recorte temporal do início do século XIX (1830) com o uso do espaço regional para a criação de gado até a década de 1980, quando se consolida a incorporação do Sudoeste na lógica produtiva das agroindústrias ligadas a soja. Como procedimentos metodológicos, levantamos informações e dados em livros, artigos, teses, dissertações e sites oficiais das agroindústrias pesquisadas. Parte do processo de modernização da microrregião ocorreu em função da materialização da produção agrícola via agroindústrias vinculadas ao CAI da soja e, foi motivada por forças político-econômicas endógenas e exógenas.

Palavras-chave: Modernização agrícola, Complexos agroindustriais, transformação do espaço, Sudoeste de Goiás.

¹ Este artigo deriva do trabalho de pesquisa ligado ao projeto financiado pelo CNPq intitulado “Apropriação do território e dinâmicas socioambientais no Cerrado: biodiversidade, biotecnologia e saberes locais.”

Abstract

This article presents a reading of the transformation of space (space used) in the Southwest region of Goiás, from the modernization process (insertion of technological elements, new relationships and processes in the field). We did a time frame of the early nineteenth century (1830) with the use of regional space for livestock until the 1980s, when it reinforces the incorporation of the Southwest in the logic of productive agro-industries linked to soy. How to raise methodological procedures and data information in books, articles, theses, dissertations and official websites surveyed agribusinesses. Part of the modernization process of the micro-region was due to the realization of agricultural production through agro-industries linked to the soybean and CAI, was motivated by political-economic endogenous and exogenous.

Keywords: Agricultural Modernization, agribusiness, transformation of the space, Southwest Goiás

Resumen

Este artículo propone una lectura de la transformación del espacio (espacio utilizado) en la región sudoeste de Goiás, en el proceso de modernización (la inserción de elementos tecnológicos, nuevas relaciones y procesos productivos en el campo). Hicimos un marco de tiempo de principios del siglo XIX (1830) con el uso del espacio regional para el criación de ganado hasta la década de 1980, cuando se consolida la incorporación del sudoeste en la lógica de la producción de agro-industrias vinculadas a la soja. Cómo criar a los procedimientos metodológicos y de información de datos en libros, artículos, tesis, disertaciones y sitios web oficiales agronegocios encuestados. Parte del proceso de modernización de la micro-región se debió a la realización de la producción agrícola a través de agro-industrias vinculadas a complejo agroindustrial de soja, fue animada por el político-económico endógeno y exógeno.

Palabras clave: modernización de la agricultura, los complejos agroindustriales, la transformación del espacio, Goiás South

Introdução

A microrregião do Sudoeste de Goiás está localizada na mesorregião do Sul Goiano (figura 01), que é composta por outras cinco microrregiões. O Sudoeste de Goiás possui uma área total de 2,47 milhões de hectares, o que equivale a 16% da área total do estado, compreendendo um total de 18 municípios: Rio Verde, Jataí, Santa Helena de Goiás, Mineiros, Montividiu, Caiapônia, Serranópolis, Aporé, Maurilândia, Portelândia, Chapadão do Céu, Perolândia, Santo Antônio da Barra, Aparecida do rio Doce, Dorvelândia, Santa Rita do Araguaia, Palestina de Goiás e Castelândia. Os municípios de Rio Verde e Jataí concentram mais de 50% da população microrregional e as principais atividades econômicas.

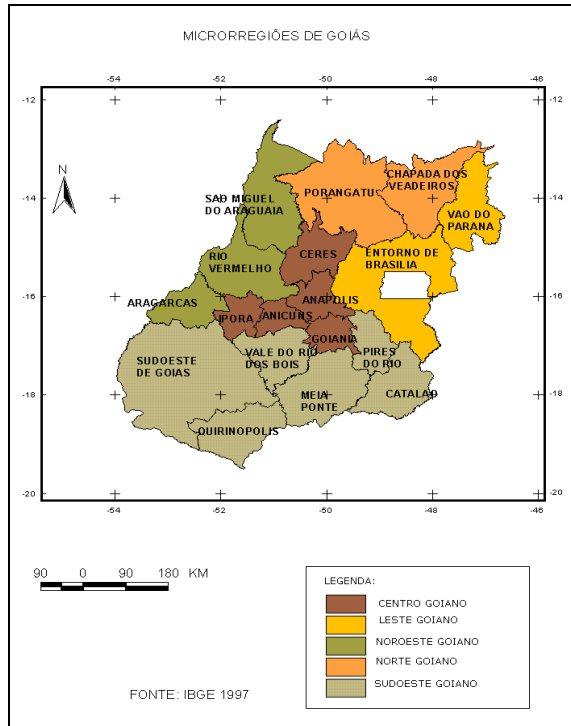


Figura 01- Mapa de localização das microrregiões do estado de Goiás – 1997.

Quando realizamos a pesquisa do trabalho de doutorado, percebemos uma lacuna de conhecimento sobre o processo de ocupação da microrregião do Sudoeste de Goiás e sobre sua incorporação à lógica produtiva nacional e global. Agora, apresentamos este trabalho escrito com objetivo central de mostrar uma compreensão do processo de modernização e transformação do espaço produtivo do Sudoeste de Goiás desde o período da criação extensiva de gado (\pm 1830) até consolidação do CAI de soja (década 1980).

Para melhor apresentação dividimos o trabalho em três partes: na primeira, tecemos considerações a evolução do complexo agroindustrial de soja no Brasil e sobre o período de ocupação da microrregião que antecede a chegada do cultivo de soja. Na segunda, tratamos como o Estado, o cultivo de soja e acontecimentos externos à dinâmica microrregional contribuíram para a modernização da atividade agropecuária. E, na última parte, demonstramos que as agroindústrias do CAI de soja são ao mesmo tempo, produtos da

modernização, transformadoras do espaço microrregional e indutoras da primeira “onda” de agroindustrialização no Sudoeste de Goiás.

Os procedimentos metodológicos usados para obtenção de informações, dados e teorias foram: a) pesquisa em fontes bibliográficas (teses, dissertações, livros e artigos científicos) que abordavam o processo histórico de ocupação do espaço goiano e microrregional, a evolução do cultivo de soja no Brasil e o desenvolvimento dos complexos agroindustriais (CAI's). Destacamos as obras: Borges, B. (1994 e 2000); EMBRAPA (1982), Amorim (1996), Machado (1996), Campos (1999), Müller, G. (1982), Marafon, G. (1988, 1998 e 1999) e Cleps Júnior (1998); b) entrevista semi-estruturada na COMIGO (Cooperativa Mista de Produtores do Sudoeste Goiano Ltda) e na Perdigão Agroindustrial S/A; c) pesquisa nos sites das empresas CARGIL S/A, COINBRA S/A, CARAMURU ALIMENTOS S/A, PERDIGÃO S/A; e d) observação de campo por meio de visitas a produtores integrados.

É importante salientar, inicialmente, que o nosso entendimento de modernização é amplo, consiste em um processo composto por: transformação técnica (plantio, criação de gado, manejo do solo etc); uso de tecnologias científicas (biotecnologia, melhoramento genético, agrotóxicos, fertilizantes) e instrumentais (máquinas, equipamentos, uso de GPS, aviões agrícolas etc); inserção de novos padrões de organização da produção, com maior influência do mercado internacional (uso de tecnologia e grande investimento de capital, parcerias, integração etc); integração agricultura-indústria; mudanças sociais (novas relações de trabalho, produtor empresário, expulsão do pequeno produtor etc) e espaciais (estrutura fundiária concentrada, maior relação campo-cidade, novas paisagens agrícolas, crescimento urbano, surgimento de: novos centros urbanos, de agroindústrias, estradas, comércio especializado, e de uma nova Divisão Territorial do Trabalho). Portanto, a modernização não transformou somente a base técnica, mas também, a dinâmica socioespacial da microrregião do Sudoeste de Goiás. E, cabe salientar que a modernização agrícola no Sudoeste de Goiás não foi um processo endógeno, mas derivado da dinâmica nacional e internacional em alguns setores agrícolas, destacando entre eles o complexo agroindustrial (CAI) da soja (que desde sua origem no Brasil teve como eixo um produto agrícola considerado “commodities”).

Dinâmica espacial e estrutural da evolução do CAI da soja no Brasil.

A implantação da indústria de soja no Brasil ocorreu no começo de 1950, com a instalação da primeira fábrica no Rio Grande do Sul, a Incobrás. Em 1955, a Igol iniciou as operações de processamento de óleos e, em 1958, entrou em operação a Sanrig (Grupo Bunge y Born), resultante da fusão de dois moinhos de trigo.

O estado do Rio Grande do Sul foi o pioneiro, não só na produção de soja, como também no surgimento do CAI de soja, pois foi o primeiro a reunir condições necessárias para o estabelecimento dos CAI's, como afirma Marafon (1999, p. 51):

O Rio Grande do Sul foi o estado pioneiro em reunir as condições que possibilitaram a existência do Complexo Agroindustrial de Soja: condições edafoclimáticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura de soja; eficiente associação do plantio de soja ao trigo, o que possibilitou um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis.[...] as condições oferecidas pela política estatal [...] proporcionaram [...] a expansão do parque industrial e o aumento de indústrias processadoras de matérias-primas.

Müller (1989, p.111) acrescenta:

Em 1958, surge neste estado o maior parque industrial integrado de processamento de soja da América Latina, capaz de produzir um sem-número de produtos. Pois bem, este conjunto industrial sozinho alterou por completo a estrutura do setor industrial brasileiro. Como no decorrer da década, notadamente no período de 1968-70, surge uma centena de pequenas e médias empresas [...].

As condições físico-naturais existentes foram somadas às políticas destinadas ao setor agropecuário, composto por facilidades de crédito que auxiliaram na ampliação da colheita de soja, na aquisição de novas tecnologias, levando à expansão do parque industrial a montante e a jusante da cultura de soja. Além disto, veio o apoio do governo federal por meio da Política Nacional de Preços Mínimos e da criação do Centro Nacional de Pesquisa da soja, da EMBRAPA.

Segundo Müller (1989), a constituição e a expansão do CAI da soja, em meados dos anos 1960, estão vinculadas às mutações do mercado mundial de grãos, principalmente pela demanda européia por grãos e farelo de soja, e outros interesses internacionais.

Assim, o CAI da soja pode ser identificado pelo conjunto de interesses que compõem o setor de grãos no mundo e no país. Lembremos dos objetivos da Revolução Verde, que tinha como um dos princípios aumentar a produção de oleoginosas (dentre estas a soja) e do trigo, no mundo. Isto tudo está ligado a interesses econômicos de grandes grupos, responsáveis pela produção, transformação e circulação desses produtos.

O CAI da soja no Brasil possui duas características: a velocidade de sua evolução e expansão espacial, e seu grau de internacionalização, quer seja devido a demanda ou ao padrão imposto na produção. Este é composto,

segundo Müller (1989), 1- pela esfera agrária, onde a soja é produzida de forma moderna; 2- pela esfera agroalimentar, que extrai o óleo e a gordura vegetal para fins alimentares; 3- pela esfera de agroinsumos, que produz tortas, farelos e rações balanceadas para animais e óleos e derivados para a indústria; 4- pela esfera de máquinas e insumos para a produção de soja; e 5- pelas esferas de financiamento e distribuição de produtos.

Marafon (1999), utilizando o conceito de fixos e fluxos de Santos (1988), apresenta o seguinte esquema para explicar a composição do CAI da Soja,

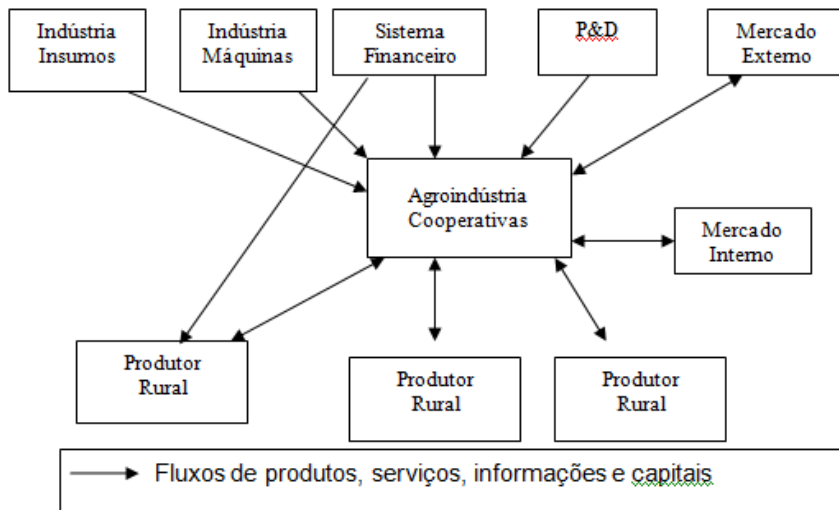


Figura 02- Ilustração do funcionamento de um CAI.

Para o autor, a dinâmica do complexo agroindustrial pode ser entendida pelos fixos e fluxos presentes e realizados. Os fixos seriam as propriedades rurais, as agroindústrias a montante e a jusante, os órgãos financiadores e de pesquisa. Os fluxos seriam as trocas de capital, informações, produtos e serviços feitas pelos fixos do complexo. Esses processos ativam a dinâmica espacial e estrutural dos CAI's e, conseqüentemente, a (re)organização espacial dos locais onde estão inseridos.

O CAI-soja, após sua consolidação no final dos anos 1970 e início da década de 80, tornou-se o símbolo da modernização agroindustrial no Brasil. A expansão do cultivo da soja e do seu CAI, no período pós-1970, pode ser considerada um divisor de águas, no processo de

modernização/industrialização agrícola brasileiro, pois exigiu a implantação de sistemas de produção com maior componente tecnológico e novas relações intersetoriais surgidas entre agricultura e indústria.

Do ponto de vista geral da distribuição espacial do parque agroindustrial de soja no Brasil, é possível caracterizá-la como sendo do tipo *policêntrico*, refletindo uma localização próxima aos centros produtores de matérias-primas. Para Marafon (1999), o conjunto de empresas, a montante e a jusante do CAI da soja, está concentrado na região Centro-Sul, principalmente nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, sendo responsável, devido suas estratégias de interação, pela dinâmica espacial da produção de soja.

Como exemplo disto, cabe mencionar que grande parte das empresas esmagadoras de soja do país está concentrada nesta região. E destas, metade das unidades estava localizada nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná, e 1/4 nos estados da região Centro-Oeste e Bahia, na nova fronteira agrícola (CLEPS JÚNIOR, 1998). Isto equívale dizer que cerca de 75% da capacidade de processamento de soja do país, estava, na década de 1990, concentrado nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e na região Centro-Oeste, segundo Cleps Júnior (1998).

O fator que atraiu os interesses dos produtores de soja e das agroindústrias para expandir sua produção para o Centro-oeste, foi o diferencial dos custos de produção em relação às regiões tradicionais. As principais vantagens encontradas para produção da soja e, posteriormente, para o estabelecimento dos CAI's no Centro-Oeste, são:

a) a maior produtividade da soja no cerrado em relação à região sul do Brasil e a sua melhor qualidade, devido ao reduzido teor de umidade da área de cerrado e maior presença de óleo e proteínas, permitindo a obtenção de lucro associado a uma melhor cotação no mercado internacional;

b) as economias de escalas obtidas nas unidades agroindustriais de até duas mil ton/dia levaram as fábricas a se instalarem próximas às regiões produtoras;

c) a proximidade com as regiões produtoras trouxe vantagens competitivas de localização, ao diminuir os custos de movimentação de cargas associadas à operação industrial, entre a fábrica esmagadora e a área produtora;

d) os produtores agrícolas passaram a negociar mais diretamente com a indústria, depositando a soja diretamente nos seus armazéns, reduzindo os custos de intermediação comercial;

e) a formação de mercados regionais estimulou o deslocamento de empresas agroindustriais da cadeia grãos-farelo-aves;

f) a política de incentivos fiscais e as condições especiais dadas por alguns estados favoreceram a instalação de indústrias nas regiões dos cerrados.

Esta aceleração na produção de soja, resultou no deslocamento das indústrias de esmagamento de soja para os cerrados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e, mais recentemente, para a nova fronteira do sul do Maranhão, Piauí e oeste da Bahia, também, no surgimento de agroindústrias com capital local, levando à estruturação final do CAI de soja na região dos Cerrados, principalmente no Centro-Oeste.

Castro e Fonseca (1995), analisando a agroindústria na região Centro-Oeste, classificam as empresas do complexo de soja, com relação à propriedade do capital, em: nacionais, internacionais e cooperativas. Essas agroindústrias possuem comportamentos semelhantes em relação ao mercado internacional, exportando grãos, farelo de soja e derivados de carnes. No entanto, diferem quanto a atuação no mercado interno. Uma são integradas industrializando a soja, quer seja na cadeia de óleos, quer seja na cadeia de carnes (frango, suínos e derivados); outras são apenas esmagadoras realizando a primeira etapa do processamento industrial de óleo e farelo; e há ainda as *tradings*, que apenas compram o produto e o comercializam no mercado internacional.

A expansão do cultivo de soja e do seu CAI na região Centro-Oeste, mas em particular no Sudoeste de Goiás, esteve ligada, em muitos casos, à presença de cooperativas que servem como promotoras do plantio, receptoras, processadoras, distribuidoras, consumidoras e, em alguns casos, produtora de insumos e financiadoras dos produtores, como afirmam Castro e Fonseca (1995), Cleps Júnior (1998) e Campos (1999).²

Processo de ocupação do Sudoeste de Goiás³: de 1830 - 1950.

² Todavia, isto não é uma característica exclusiva do Centro-Oeste, como comprovam os trabalhos de Fajardo e Moro (2000); Campos (1999); Müller (1989) e Guimarães (1982).

³ A microrregião do Sudoeste de Goiás está localizada na mesorregião do Sul Goiano, que é composta por outras cinco microrregiões. O Sudoeste de Goiás possui uma área total de 2,47 milhões de hectares, o que equivale a 16% da área total do estado, compreendendo um total de 18 municípios: Rio Verde, Jataí, Santa Helena de Goiás, Mineiros, Montividiu, Caiapônia, Serranópolis, Aporé, Maurilândia, Portelândia, Chapadão do Céu, Perolândia, Santo Antônio da Barra, Aparecida do rio Doce, Dorvelândia, Santa Rita do Araguaia, Palestina de Goiás e Castelândia. Os municípios de Rio Verde e Jataí concentram mais de 50% da população microrregional e as principais atividades econômicas.

O processo de ocupação do Sudoeste de Goiás se deu mais tardiamente do que o restante do estado, uma vez que ali não foram encontrados minerais preciosos, não participando pois, efetivamente do ciclo ocupacional da mineração. Segundo Amorim (1996), somente a partir de 1838 houve um impulso na ocupação da região, devido à isenção de impostos sobre as terras, e ao esgotamento dos solos agricultáveis de Minas Gerais e São Paulo. Com isso, migrantes paulistas e mineiros começaram a praticar a pecuária extensiva rudimentar, aliada à agricultura de subsistência.

A pecuária desenvolvida na região era extensiva e destinada ao abastecimento dos mercados de São Paulo e Minas Gerais. Já a agricultura surgiu e se destinou, inicialmente, a atender apenas a microrregião em suas necessidades de gêneros alimentícios, tendo pouco excedente.

As terras também serviam como reserva de valor, como demonstra Amorim (1996), quando relata a forma de aquisição de terras no município. Segundo a autora, 70% das aquisições de terras no município, nos anos de 1857 e 1858, foram feitas por meio de compra e venda, demonstrando o interesse dos fazendeiros migrantes em adquirir terras, e a especulação dos primeiros ocupantes da região, que fracionaram suas propriedades para vender.

As atividades de pecuária e agricultura de subsistência predominaram até a segunda década do século XX, quando a criação de gado nos latifúndios passou a dividir espaço com as grandes plantações de grãos, sobretudo o arroz, que se tornou o principal produto cultivado, até o final da década de 1950.

Dois fatos contribuíram para esta mudança: primeiro, o aumento da demanda, a nível nacional, por gêneros alimentícios, visando abastecer as regiões centrais do país, que começaram, no pós 1930, um processo de industrialização e crescimento dos centros urbanos; segundo, a construção de ferrovias e estradas em Goiás. Essas vias de circulação construídas, nas primeiras décadas do século XX, para interligar o estado aos centros urbanos do Sudeste, trouxeram, indiretamente, para o Sudoeste de Goiás uma nova dinâmica, pois representavam uma possibilidade de escoamento da produção agrícola, com maior facilidade. Mesmo não passando pelo espaço da microrregião, as ferrovias foram importantes elementos na dinamização das atividades agrícolas, pois permitiram, por meio do transporte intermodal, a circulação da produção de grãos para os principais mercados consumidores do país. Com isso, os produtores da região passaram a se dedicar, não somente à pecuária, mas também à produção de grãos. Assim, em 1940, municípios como Rio Verde e Jataí exportavam gado, milho e arroz para outros estados.

A partir daquele momento, a dinâmica socioespacial da microrregião tornou-se cada vez mais intensa e integrada às transformações da economia nacional. Este quadro é mais visível no período pós 1950, quando ocorreram

investimentos governamentais - representados por créditos rurais - e privados, ocasionando a diversificação do cultivo de grãos.

Os incentivos/investimentos e o preço baixo da terra provocaram uma migração de produtores e proprietários rurais das regiões do Sul e do Sudeste para o Sudoeste de Goiás, os quais compraram grandes quantidades de terras com o dinheiro adquirido com a venda das propriedades nas regiões de origem, que eram mais valorizadas.

Esse movimento trouxe a modernização e a mentalidade empresarial/capitalista, bem como o cultivo de novos produtos agrícolas para o cerrado, dentre eles a soja. Esta, a partir da década de 1970, passa a figurar como um produto agrícola importante na região, transformando a dinâmica econômica e espacial.

Modernização agropecuária no sudoeste de Goiás: o estado, a soja e as externalidades regionais.

Para a EMBRAPA (1982), o início da década de 1950 marcou o processo de modernização da agricultura no Sudoeste de Goiás, por meio da introdução de maquinários, sendo o trator o primeiro elemento inovador. Porém, somente a partir da década de 1960 é que se tornou regular a adesão dos produtores ao uso desse elemento "moderno".

A proximidade da microrregião em relação às grandes concentrações urbano-industriais do país intensificou a adoção de outros elementos modernizantes, como o adubo químico, colheitadeiras e capim-braquiária. Processo, esse, que se ampliou na década de 1970, com a introdução de herbicidas, calcário, silo forrageiro e o terraceamento.

A modernização se intensificou na década de 1970, num momento em que várias políticas, a nível nacional, são instituídas e, conseqüentemente, afetam a produção agropecuária da microrregião. Com a tomada do poder pelos militares em 1964, o Brasil passou a contar com várias políticas e medidas - com todos os seus pontos positivos e negativos, tais como a submissão ao capital internacional - visando o seu crescimento e a integração nacional. Nesse pacote, a agricultura recebeu um tratamento especial com políticas de incentivo à mecanização e à inovação tecnológica, bem como a expansão das áreas de produção.

No Sudoeste de Goiás, as primeiras alterações foram: a expansão espacial das atividades produtivas, derivadas dessas medidas/políticas; cultivos de produtos destinados ao mercado externo; e aumento do uso de maquinário na atividade agrícola. Segundo o trabalho elaborado pela EMBRAPA (1982), o aumento mais visível é o número de tratores e colheitadeiras. Este aumento no

uso de implementos e máquinas agrícolas está vinculado aos incentivos - financiamentos - dados pelo governo federal para aquisição destes equipamentos na década de 1970, bem como às políticas de aumento da produção agrícola, tais como: as políticas de crédito rural; políticas de garantia de preço mínimo - PGPM; e os programas de desenvolvimento regional - POLOCENTRO.

Essas políticas e o POLOCENTRO foram fundamentais para a modernização da agricultura no Sudoeste de Goiás e, conseqüentemente, para sua ocupação e integração definitiva na divisão territorial do trabalho e na transformação do espaço regional.

EMBRAPA (1982), Amorim (1996), Machado (1996) e Campos (1999) defendem que o processo de modernização da agricultura no Sudoeste de Goiás foi dinamizado pelas políticas governamentais (políticas agrícolas e de desenvolvimento regional - POLOCENTRO) e pela ação do cooperativismo.

Campos (1999) coloca que é possível analisar o processo de modernização agrícola na região, através da concentração fundiária; alterações nas relações de trabalho; elevação do crescimento da população urbana; mudanças na pauta de produção; e o aumento da infra-estrutura.

A elevação do preço da terra, em função dos investimentos em infra-estrutura e especulação, aliado às políticas de crédito discriminatórias, levam concentração fundiária, elevando o número de médios e grandes produtores, que compram as terras dos pequenos.

Ainda segundo a autora, a modernização provocou alterações nas relações de trabalho, aumentando substancialmente o trabalho assalariado, especialmente do trabalhador volante, e reduzindo as formas de trabalho baseados nas relações pré-capitalistas. Estes fatos se devem à mecanização e à redução na produção ou às mudanças no uso da terra pelo proprietário.

As alterações nas relações de trabalho, que "expulsaram" os trabalhadores do campo, fazem surgir um outro efeito da inovação tecnológica, o crescimento da população urbana e a redução da população rural. Segundo dados do IBGE, na microrregião do Sudoeste de Goiás, em 1970, cerca de 60% da PEA - População Economicamente Ativa - trabalhavam em atividades agropecuárias, e quase metade da população viviam nas cidades. Já nos anos 1980, cerca de 70% da população vivia nas cidades, e 42% trabalhavam em atividades agropecuárias. Nos anos posteriores, a população urbana cresceu de forma contínua, chegando a cerca de 80% nos anos 1990.

Outro efeito do processo de modernização é o aumento na infra-estrutura básica regional: rede de energia, de telefonia, de estradas, de armazenagem, de serviços (atividades comerciais, bancos, educação, saúde,

assistência técnica e pesquisa). Como exemplo disto, basta relembrarmos as repercussões do POLOCENTRO na região.

O último efeito, a saber, as mudanças na pauta de produção, que foram a grande marca do processo de inovação tecnológica na microrregião, ocorreram baseadas nas demandas do mercado internacional, ou do setor industrial. A produção destinada a estes mercados é mais estimulada, implicando num aumento da área plantada e da produtividade, enquanto isso o cultivo de produtos destinados ao mercado interno fica estagnado e/ou se reduz.

Seguindo uma tendência de privilegiar produtos de exportação em detrimento dos produtos para abastecimento interno, o governo incentivou a produção de soja na microrregião, investindo em pesquisas, infra-estrutura para escoamento e fornecendo crédito. Com isso, na década de 1970, a soja apareceu com uma produção tímida de 3.214 toneladas, já nos anos 1980 tornava-se o principal produto da região, e o signo das mudanças e da modernização no Sudoeste de Goiás.

Para a EMBRAPA (1982), os cultivos de soja e do milho foram os grandes responsáveis pela adoção de práticas modernizantes na região, devido aos créditos oferecidos para essas culturas, à possibilidade do uso de maquinários e de insumos, e ao aumento da demanda por parte das indústrias de transformação e do mercado externo. Assim, a modernização está vinculada à disponibilidade de crédito e à prática de culturas destinadas ao mercado externo e ou para atender às agroindústrias. A esses dois fatores, somam-se as características regionais, tais como: condições climáticas (um período chuvoso e outro seco), relevo, acidez do solo e a deficiência de nutrientes no solo, que contribuíram para a adoção de práticas inovadoras.⁴

O cultivo da soja veio transformar um espaço agrário regional baseado em quatro sistemas de práticas agropecuárias tradicionais, e com pouca inovação tecnológica, a saber: cultivo de produtos anuais em alternância com pastos; cultivo de produtos anuais subsidiário da criação de gado de corte; criação de bovinos para corte; e criação de bovinos com orientação mista. A maioria dos municípios da microrregião estava orientada para a pecuária, entre eles, Jataí, Serranópolis, Aporé e Rio Verde. Apenas Santa Helena e Maurilândia possuíam um sistema voltado para a lavoura, com cultivo de produtos anuais, alternando com pastos. O principal produto era o arroz, tendo,

⁴ No âmbito da pesquisa, a EMBRAPA considerou como inovação, uma prática ou técnica que, quando introduzida no processo de produção, tenha alterado substancialmente algum aspecto da atividade agropecuária. Definiram como elementos para a investigação, as seguintes variáveis: uso de adubo químico e de calcário, força mecânica, herbicidas, terraceamento e plantio de capim braquiária e silagem.

em alguns municípios, pequenas porções de cultivo de milho e algodão. (EMBRAPA, 1982)

É importante salientar que o processo de modernização da agricultura no Sudoeste de Goiás não ocorreu de forma generalizada, entre todos os produtores. Dentro dessa diversidade, é possível definir três subconjuntos: estabelecimentos com baixo nível de modernização; com nível intermediário de modernização; e com alto nível de modernização.

O processo de modernização da agricultura no Sudoeste de Goiás, iniciado na década de 1950, com a introdução do trator, foi intensificado nos anos 1960 a partir das políticas de crédito rural, o qual incentivou o consumo de máquinas e equipamentos, e o uso de insumos, atendendo aos interesses das indústrias para a agricultura. Além desses elementos, cabe citar a adoção de técnicas de manejo e plantio de produtos melhorados, que tiveram seu uso intensificado nos anos 1970, frutos de pesquisas, de divulgação e da assistência prestada por instituições públicas, como Embrapa, Engopa e outras.

Com isso, o Sudoeste de Goiás, que foi durante vários anos, voltado para a pecuária de corte e para a monocultura de arroz, torna-se uma das áreas mais modernizadas do estado, diversificando sua pauta de produção, vivenciando a entrada de empresas capitalistas, que atuavam em escala nacional, e se tornando parte integrante de um sistema de produção agrícola voltado para o mercado internacional.

Essas medidas de modernização da agricultura estão ligadas ao processo de industrialização do país, ou seja, a agropecuária torna-se um mercado consumidor de bens industrializados e fornecedora de matéria-prima para as indústrias. Tem-se um quadro perfeito para a constituição dos Complexos Agroindustriais.

A atuação das agroindústrias de soja na configuração socioespacial microrregional e na formação do CAI de soja.

Diferentemente de outras culturas como o milho, o arroz e o feijão, o procedimento de cultivo da soja possui três características específicas: é todo voltado para o mercado externo e industrial, e tem sido introduzido no país para atendê-los; requer um uso intensivo de maquinário, tecnologias e insumos que são produzidos por organizações internacionais; e, por último, foge ao alcance da pequena propriedade e dos produtores tradicionais, tornando-os vulneráveis a este processo massificador e excludente.

O cultivo da soja representou um "alento" para o setor agroindustrial do país. A soja, assim como a cana-de-açúcar, foi responsável pelo processo de

consolidação dos CAI's no Brasil, provocando uma inversão de capitais para o setor agropecuário, e trazendo um novo padrão acumulativo no campo brasileiro.

Este novo padrão de acumulação e reprodução do capital permite uma integração regional e uma nova Divisão Territorial do Trabalho, em que novos espaços são agregados à essa dinâmica e moldados aos seus interesses, por meio de uma aliança entre o Estado e o capital privado. No caso específico do Sudoeste de Goiás, o cultivo da soja foi responsável por uma nova dinâmica e pelo surgimento de agroindústrias, fixos importantes na transformação do espaço regional.

Segundo Machado (1996), os primeiros dados estatísticos da produção de soja no Sudoeste de Goiás datam de 1969. Os primeiros municípios a produzirem soja foram Rio Verde, Quirinópolis e Mineiros. Estes, em 1970, eram responsáveis por cerca de 44% da soja produzida no estado de Goiás. Enquanto municípios como Jataí, hoje importante produtor deste grão, não produziram nenhuma tonelada. Este fato deve-se à forte orientação que Jataí e os outros municípios do Oeste da microrregião tinham para a pecuária, retardando a introdução da soja. Porém, em anos posteriores começaram a produzir, chegando, em 1994, a serem responsáveis por 9% da produção estadual. Isto mostra que as mudanças no padrão de produção e de expansão da soja não atingiram de forma homogênea todos os municípios.

Contudo, após 1975, o cultivo da soja se expandiu rapidamente, como conseqüência de uma política de incentivos ao seu cultivo, visando à exportação. A expansão da soja intensificou/dinamizou o processo de modernização na microrregião, uma vez que este já estava ocorrendo, de forma lenta. O cultivo da soja incrementou o uso de implementos, insumos agrícolas, tecnologia, conhecimento e práticas/técnicas inovadoras, destinadas ao aumento da produção e da produtividade. Também, funcionou como um agente articulador entre a produção moderna e a agroindústria, fazendo surgir a primeira onda de agroindustrialização na região.

Esse movimento, trouxe a mentalidade empresarial/capitalista, consolidando a inserção da região no processo de expansão da fronteira agrícola, na modernização da agricultura e na produção capitalista, metamorfoseando o espaço, por meio da territorialização dos novos cultivos e de novas relações econômicas no campo.

A partir da década de 1970, a soja passa a figurar como um produto agrícola importante na região (como se pode ver na tabela a seguir).

Tabela 1 - Produtividade (t/ha) de cereais, no Sudoeste Goiano - 1950 a 1994.

	1950	1960	1970	1980	1985	1990	1994
Arroz	1,63	1,48	0,95	1,06	1,21	0,89	1,51
Feijão	0,42	0,45	0,28	0,03	0,89	1,26	1,20
Milho	2,20	1,30	1,33	2,18	2,79	2,79	3,60
Soja	-----	-----	0,86	1,70	2,13	1,51	2,20

Fonte: MACHADO, 1996, p. 62

Todavia, isto só foi possível com a participação maciça do Estado, através de políticas e investimentos em infra-estrutura, pesquisa e assistência aos produtores. O Estado foi o principal agente promotor de todo esse processo.

A cultura da soja em padrões tecnificados influenciou a utilização de elementos modernos na produção de outros produtos, como: o milho, o algodão, e até mesmo o arroz, ampliando, ainda mais, o processo de modernização e transformação do espaço.

Com o processo de modernização e inserção do cultivo de soja no Sudoeste de Goiás, dentro da nova fronteira agrícola nacional, várias agroindústrias começaram a atuar na microrregião. Algumas implantaram unidades de armazenagem e/ou processamento e outras, escritório de compra e venda de produtos, fundamentalmente, a soja. Neste grupo, pode-se destacar a atuação de três grandes agroindústrias de inserções nacional e internacional, Caramuru Alimentos S/A, Cargil Agrícola S/A e Coinbra S/A e a COMIGO (Cooperativa Mista de Produtores do Sudoeste Goiano Ltda), cooperativa que surgiu por iniciativa de atores locais e contribuiu para a transformação do espaço microrregional.

O grupo Caramuru iniciou suas atividades em 1964, no município de Maringá (PR), com a atividade de processamento de milho. Na década de 1970, ampliou o seu *mix* de produtos, passando a fabricar óleo e farelo de milho, e expandiu suas atividades para o município de Apucarana (PR) e para o estado de Goiás, por meio da abertura de uma filial em Itumbiara (sul do estado).

Este processo continuou na década seguinte, com a ampliação da atuação em território goiano, através de: instalação de unidades armazenadoras em Itumbiara, Inaciolândia, Lagoa do Bauzinho, Vicentinópolis, Morrinhos, Montividiu, Portelândia, Rio Verde e Jataí (estes quatro últimos localizados no Sudoeste de Goiás); da construção, em Itumbiara, das fábricas de óleo degomado, farelo de soja e de pré-cozidos de milho, e da unidade administrativa.

Na década de 1990, ocorreu a transferência da administração da empresa e dos maiores investimentos para o estado de Goiás, consolidando a "opção" pelo território goiano. Em 1991, os proprietários transferiram a matriz da "Carumuru Alimentos de Milho", de Apururana para Itumbiara. No ano seguinte, implantaram a refinaria de óleo de soja, completando o ciclo de beneficiamento deste grão. Além disto a empresa ampliou o uso do território do Sudoeste de Goiás para o cultivo e armazenagem de grãos. Em outras palavras, consolidou-se a territorialização da Carumuru no estado de Goiás e, especialmente, na microrregião do Sudoeste de Goiás. Mesmo não tendo nenhuma unidade produtiva instalada na microrregião, a empresa atuou e atua junto aos produtores, comprando grãos e fazendo parcerias, tanto para fornecer sementes e informação, quanto para adquirir a safra. Pode ser considerada um dos agentes "consolidadores" do CAI de soja e milho no Sudoeste de Goiás.

Outra empresa que atua na microrregião, desde a década de 1980, é a Cargil Agrícola S/A. A empresa é uma multinacional norte-americana, atua em vários estados brasileiros (Pará, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul), por meio de seus fixos (unidades produtivas e armazenadoras, escritórios e terminais portuários), e das parcerias com produtores rurais.

Em Goiás, inicialmente, a empresa instalou escritórios e unidades de armazenagem em vários municípios do Sudoeste de Goiás (Rio Verde, Jataí, Portelândia, Chapadão do Céu e Santa Helena), visando adquirir grãos, sobretudo soja e milho, que são armazenados e depois levados para suas unidades produtoras mais próximas, como é o caso da unidade de Uberlândia (MG), ou são remetidos para outras unidades produtivas, e ainda, exportados para a Cargil Européia. Além disso, possui outras unidades armazenadoras espalhadas por municípios da mesorregião do Sudoeste Goiano, e duas unidades produtivas de fertilizantes, uma em Bom Jesus de Goiás e outra em Acreúna.

A partir de 2000, a multinacional começou a mudar sua forma de atuação, investindo na construção de uma nova unidade de beneficiamento de grãos, em Rio Verde, e em nova unidade de armazenagem, em Jataí. A unidade de Rio Verde foi inaugurada em 2004, tornando-se a sexta fábrica de beneficiamento de soja do grupo Cargil. A empresa pretende, com isso, beneficiar parte da produção regional de soja, atendendo à crescente demanda por farelo de soja, em função da instalação da Perdigão, e se beneficiando de incentivos fiscais e de investimentos feitos pelo Estado. Estes empreendimentos foram feitos levando em consideração os "recursos e ativos" que o território local ofereceu: grande produção de grãos, incentivos e

investimentos públicos, e a crescente agroindustrialização, por meio da vinda de outras empresas agroindustriais, como a Perdigão e seu complexo.

A terceira agroindústria atuante na microrregião é a Coinbra, que é controlada pela "*holding*" S.A Louis Dreyfus e Cie, sediada em Paris, e pertencente a um conglomerado de empresas com atividades em vários países (ao todo, são mais de 75 escritórios em 53 países). A Coinbra iniciou suas atividades, no Brasil, em 1942, a partir da aquisição da empresa Com. e Ind. Brasileiras Coinbra S.A.

Em Jataí, a empresa atua, desde o início da década de 1990, com uma unidade processadora de soja, onde produz óleo refinado e farelo. O primeiro é destinado ao mercado regional; já o segundo, destina-se aos mercados regional, nacional e internacional. Para manter a produção a unidade de Jataí possui, além da processadora, 191 funcionários, seis entrepostos de armazenagem (Mineiros, Jataí, Chapadão do Céu, Rio Verde e Bom Jesus de Goiás), e vários produtores integrados.

A Coinbra (Jataí) é a segunda agroindústria do CAI da soja a instalar uma planta produtiva na microrregião do Sudoeste de Goiás, e atua desde a parceria com produtores até o beneficiamento dos grãos, sendo assim, um dos agentes formadores do CAI de soja, no Sudoeste de Goiás, e participante da primeira onda de agroindustrialização.

No entanto, dentre as agroindústrias que destacamos, nenhuma foi mais significativa, como agente transformador socioespacial e formador do complexo da soja na microrregião, do que a COMIGO, cooperativa de capital local, que foi responsável por inúmeras mudanças na sua área de atuação, e que merece um foco especial em nossa análise.

A história da COMIGO inicia-se em 1974, com alguns produtores rurais que se uniram para resolver, num primeiro momento, problemas que mais os afligiam: falta de estrutura de armazenagem e a comercialização. Naquela época, os principais produtos eram o arroz e o milho. O primeiro, pela ausência de secadores na região, era secado nas ruas. O milho era colhido praticamente seco e, com a falta de uma estrutura para a armazenagem dos grãos, os produtores eram obrigados a vender boa parte de sua produção, o mais rápido possível.

Em 06 de julho de 1975, concretiza-se a fundação da COMIGO, com o apoio do SAC- Sistema de Assistência ao Cooperativismo, com dois objetivos básicos: resolver o problema da falta de armazéns para depositar a colheita, pois a falta destes obrigava os agricultores a vender toda a produção após a colheita, reduzindo o lucro; e realizar diretamente a comercialização, eliminando os atravessadores.

Os incentivos fizeram com que a COMIGO crescesse rapidamente, atingindo, em 1978, 251 sócios. Com isso, foi concluída a construção da primeira unidade de armazenamento, em Rio Verde, e a instalação de uma loja, em Santa Helena de Goiás. Naquele ano, a cooperativa já atingia os seus objetivos iniciais, atuando em quatro frentes: comercialização, armazenamento, fornecimento de insumos, através de lojas de revenda própria, e assistência técnica. Embora tivesse uma área de atuação restrita à microrregião do Sudoeste de Goiás, poderia ser considerada um agente modernizador, pois incentivava o uso de máquinas, equipamentos, fertilizantes e defensivos, visando aumentar a produção para exportação.

Através da cooperativa, os agricultores puderam adquirir máquinas, equipamentos, insumos e tecnologia, quer seja com a sua ajuda para requerer financiamentos a juros mais baixos, junto aos órgãos financiadores, podendo comprar os pacotes modernizantes; quer seja pela publicidade desses produtos, feita pela COMIGO, levando/induzindo os cooperados a implantá-los.

Até recentemente, em seu informativo mensal (INFORME COMIGO), era possível perceber esta função, quando, na segunda página, aparece um quadro com dicas da terra, feitas pela empresa Massey Ferguson. Nelas, pode-se ver desde dicas de cultivo até linhas de financiamento de equipamentos e tratores.

A COMIGO desempenhava várias funções de assistência técnica, armazenagem, beneficiamento de produtos agropecuários (agroindústria) e comércio. É, hoje, um signo regional, responsável pela transformação tecnológica e das relações agricultura-indústria e socioespaciais no Sudoeste de Goiás. É, também, exemplo de um elemento endógeno modificador da realidade local e regional, que surgiu fomentado por iniciativa e necessidade de produtores locais, aliado à interesses de escala nacional. A COMIGO, com toda sua estrutura física e econômica, contribuiu para dois importantes processos na região: a inovação tecnológica, e a inserção e consolidação do CAI da soja.

A COMIGO foi gerada no seio de um processo de inserção da modernização no Sudoeste Goiano, portanto é resultado e agente destas mudanças, contribuindo direta e indiretamente para uma nova configuração territorial. A cooperativa influenciou na alteração de dois componentes espaciais: a configuração territorial e a dinâmica social, sendo elemento essencial no processo de agroindustrialização no Sudoeste Goiano, pela sua especificidade de cooperativa e atuação regional.

Essa primeira "onda" agroindustrializante foi sobreposta, a partir da segunda metade dos anos 1990, por outra, agora com a inserção de outro complexo agroindustrial, "o de carnes", onde o agente principal foi a agroindústria Perdigão S/A. No entanto, esta ("nova onda") não eliminou as

marcas e nem a dinâmica da primeira "onda", apenas veio coexistir no mesmo espaço, aproveitando-se dos recursos do território, e inserindo outros.

A nidificação da Perdigão S/A no Sudoeste de Goiás e a estruturação do CAI de Carnes

A instalação da Perdigão no Sudoeste de Goiás foi um processo longo. A decisão considerou inúmeros fatores e elementos, entre os quais aqueles relacionados à reformulação interna da empresa, às condições estruturais e competitivas do mercado brasileiro e às mudanças no mercado externo de carnes, e aos fatores atrativos da região.

A empresa coloca que:

Três fatores levaram a Perdigão a idealizar e pôr em marcha o Projeto Buriti, que prevê a construção de um novo e moderno complexo agroindustrial na cidade goiana de Rio Verde. O primeiro deles foi atender o crescimento do mercado para os seus produtos; o segundo, aumentar para 25% sua fatia de participação nesse mercado crescente, no qual a empresa ocupa uma consistente segunda posição nacional; e, por fim, a necessidade de produzir em condições mais competitivas. (REVISTA PARCERIA, 199--).

O fator decisivo para a escolha, do Sudoeste de Goiás, especificamente Rio Verde, para a materialização do Projeto Buriti parece ter sido, no entanto, os fortes incentivos fiscais e as oportunidades de financiamento oferecidas pelos governos estadual, municipal e federal.

O Projeto Buriti foi pensado com vistas à ampliação territorial dos negócios da Perdigão, através de investimentos numa outra planta industrial fora da região Sul, o seu “ninho”. Nas palavras dos diretores da empresa, o objetivo principal foi: "desconcentrar sua produção das unidades do Sul, possibilitando que estas ficassem mais focadas nas demandas do mercado externo" (PERDIGÃO, 2005).

O Projeto Buriti, conforme relato do diretor administrativo da Perdigão, começou a ser pensado em 1994. O complexo agroindustrial a ser instalado no Sudoeste de Goiás tinha o propósito de ampliar, em cerca de 50%, a capacidade produtiva da empresa.

No ano de 1996, iniciaram-se os primeiros contatos com o governo goiano e a Prefeitura de Rio Verde para a instalação da nova planta industrial. Fechados os acordos e as parcerias com os três níveis de governo (municipal,

estadual e federal), a empresa deflagrou o processo de busca por integrados para implantar a fase da integração de suínos, que é o sistema de produção das matrizes.

Para isso, a empresa firmou acordo com duas grandes empresas de genética suína, a Agroceres (matriz de genética norte-americana) e a subsidiária brasileira da Dalland (empresa holandesa). A Dalland firmou parceria com três cooperados da COMIGO para a produção de matrizes para o Projeto Buriti. Estes produtores selecionados recebiam as matrizes bisavós e avós em forma de “*joint ventures*”, e faziam a multiplicação produzindo matrizes (mães) para os multiplicadores integrados à Perdigão.

Estabelecida a etapa de produção de matrizes, a empresa começou a selecionar integrados, realizando, inicialmente, apresentações de vídeos, conversas com interessados, e anunciando, na mídia local e nas missas, convites para os produtores rurais.

Em 1998, os acordos com os governos já estavam fechados e as obras iniciadas. A previsão da empresa era de que as obras terminassem em 2000, e a inauguração ocorresse em junho deste mesmo ano. Foram instaladas, ainda, as granjas próprias da Perdigão para a produção de aves (São Thomaz e Rio Doce). Essas granjas alojavam matrizes da linhagem COBB, de origem norte americana.

Ao mesmo tempo, os primeiros módulos de integração já estavam sendo providenciados com a finalidade de alojar, no ano seguinte, os primeiros animais, sobretudo suínos. No ano de 1999, a fabricação de ração entrou em funcionamento, dando suporte aos integrados de suínos (produtores de leitões e aos terminadores).

Em maio de 2000, os primeiros integrados de frangos receberam os pintainhos para a engorda, visando entregá-los em junho, quando ocorreria o primeiro abate no complexo industrial.

Em julho do mesmo ano, a unidade produtiva ficou pronta e entrou na fase pré-operacional, com o abate e o processamento de suínos. O primeiro abate de aves ocorreu em outubro de 2000, com um atraso de quatro meses em relação à previsão inicial. Em 2001, após a consolidação da integração e do processamento de carnes, passou-se a produzir, visando a exportação para a Europa e Oriente Médio, contrariando o que foi dito e escrito pelos diretores, que apresentavam como objetivo do Projeto Buriti: “ [...] desconcentrar sua produção nas unidades do Sul, possibilitando que estas ficassem mais focadas nas demandas do mercado externo” (PERDIGÃO HOJE, 2005).

O ano de 2001, e o seguinte, foram cruciais para a territorialização da empresa e do CAI sob sua coordenação no Sudoeste de Goiás, uma vez que houve a ampliação da rede integrados, fornecedores, prestadores de serviços e do apoio político e da aceitação social.

A complexa estrutura montada, criada, implementada em Perdigão Rio Verde é a base do CAI de carnes formado, coordenado e consolidado pela empresa no Sudoeste de Goiás.⁵

CAI coordenado pela Perdigão é composto por: a) mais de uma centena de empresas fornecedoras de produtos e serviços em geral; uma centena de prestadoras de serviços contínuos, assim distribuídas: transportadoras (a maioria), empresas de limpeza, segurança e jardinagem, alimentação, serviços mecânicos e bancários; b) cerca de 260 produtores integrados (suínos, aves e ovos); c) instituições públicas como FESURV, UFG, EMBRAPA; indústrias de apoio; agroindústrias (inclusive do CAI de soja), prefeituras e os governos estaduais e federais.⁶

O CAI formado pela empresa é composto por vários setores (serviços, industrial, comercial e ensino), com dezenas de empresas e instituições a montante e a jusante de sua produção. Os agentes componentes do CAI podem ser classificados em:

— à montante da Perdigão Rio Verde, produtores rurais integrados, indústrias de apoio e de medicamentos veterinários, agroindústrias fornecedoras, empresas de genética, fornecedoras de mercadorias e serviços, instituições de ensino e financeiras. Todas essas empresas dão suporte/fornecem matéria-prima e serviços para a industrialização dos produtos;

— à jusante, os supermercados, hipermercados e outros comércios, indústrias consumidoras, outras unidades da Perdigão, e empresas localizadas no mercado externo.

É fundamental salientar que toda a estrutura do CAI é mediada, influenciada, e por que não, sustentada pela ação do Estado, em suas três esferas, federal, municipal e estadual, através de investimentos, empréstimos, isenções fiscais, dotação de infra-estrutura e parcerias.

⁵ Haviam duas outras empresas atuantes no setor na microrregião, a Frango Gale e a Frigorífico Margem, sendo que a primeira beneficia apenas carne de aves e a segunda carne bovina; nenhuma, entretanto, possuía a estrutura, a tecnologia e a teia de relações que a Perdigão detém ou aplicou volume semelhante de investimentos.

⁶ Dados de 2003.

Cabe, aqui, reafirmar que a instalação da Perdigão Agroindustrial S/A no Sudoeste de Goiás é, por si, um impacto no espaço local, através da construção de sua planta industrial, de suas granjas e de loja comercial. Impacto, este, que se revela "motriz" ao desencadear outras mudanças, efeitos, impactos e transformações nos espaços local e regional.

Considerações finais

A atuação da COMIGO e das outras agroindústrias, aliada às medidas do Estado e à dinâmica do mercado externo e nacional, materializaram a primeira onda de agroindustrialização, ou de formação de CAI's, na microrregião do Sudoeste de Goiás. A primeira "onda" foi responsável pela metamorfose do espaço regional caracterizado pela pecuária extensiva e por vazios produtivos para um dos pólos mais dinâmicos do país na produção de grãos. Já a segunda "onda" (do CAI de carnes) completa a apropriação e o uso do território regional pelas agroindústrias, demonstrando uma simbiose de usos e como a modernização, via produção da soja e constituição do CAI da soja, tornou-se uma vantagem locacional importante para a instalação da agroindústria Perdigão S/A na microrregião.

As transformações espaciais foram produzidas por atores de diferentes escalas local, regional e nacional, atribuindo um novo papel para a região na divisão territorial do trabalho e na produção na nacional. O Sudoeste de Goiás torna-se um centro produtor de grãos, sobretudo ligadas ao complexo agroindustrial de soja, com destaque nacional e um território de ação e produção de agroindústrias soja. Esse processo inseriu definitivamente a microrregião na Divisão Internacional do Trabalho (DIT) e na divisão territorial da produção nacional, sendo a produção de grãos e a criação de animais influenciadas e determinadas por interesses de escala internacional, agora intermediados e dinamizados pelas agroindústrias (mesmo aquelas de capital nacional).

Essa cota parte na DIT e na Divisão do Trabalho em escala nacional foi ampliada com a formação do CAI de carnes, que de forma, surpreendente, colocou o Sudoeste de Goiás no mapa de produção de suínos e de aves em escala nacional.

Cabe destacar, também, que a modernização, a qual culmina na agroindustrialização da microrregião, foi organizada tendo como financiador, divulgador e indutor o Estado a partir de várias políticas e ações e baseando-se em princípios do mercado externo a região, e no caso da soja, o processo de modernização e agroindustrialização foram pautados nos interesses de grandes multinacionais ligadas ao agronegócio. A soja tornou-se o símbolo da

modernização e o principal elemento agroindustrializador do espaço do Sudoeste de Goiás.

E, a produção de aves e suínos, fortaleceu a imagem do Sudoeste de Goiás como um território receptivo e atrator de atividades modernas e modernizantes, uma vez que o modelo de integração implantado pela Perdigão, está baseado em padrões industriais de produção (tecnologia, produtividade, economia de escala), apoiado em integrados médios e grandes. Outro aspecto que cabe mencionar é que o CAI de carnes possibilitou um crescimento industrial e agroindustrial para o município de Rio Verde, por meio da instalação das indústrias fornecedoras de insumos (embalagens, máquinas e equipamentos, rações e construção civil) para as atividades da Perdigão. Os dois CAI's (soja e carnes) promoveram o processo de agroindustrialização do Sudoeste de Goiás com desdobramentos para outras microrregiões do estado.

Por outro lado, os processos de modernização e agroindustrialização no território estudado provocaram inúmeros problemas de ordem social: concentração fundiária, expropriação do pequeno produtor, exploração do trabalhador, submissão do trabalhador a péssimas condições de trabalho, drenagem da renda, crescimento sem o planejamento adequado dos núcleos urbanos, aumento da pobreza no campo e nas cidades, drenagem de grande parte da renda e da produção microrregional, dependência externa para novos investimentos e geração de renda e trabalho; e problemas de ordem ambiental: desmatamento da vegetação de Cerrado, redução da biodiversidade, contaminação do solo e das águas, erosão e esgotamento dos solos; uso excessivo das águas para irrigação; erosão genética dos cultivares tradicionais, redução da agrobiodiversidade.

Finalizamos, colocando que os dois CAI's parecem ser frutos de uma produção alienada e alienígena [expressão usada por Milton Santos e Maria L. Silveira (2002)], . Alienada porque depende dos interesses exógenos à microrregião e alienígena pois foram introduzidos e não originados da dinâmica produtiva regional de forma processual e evolutiva endogenamente.

Referências

AMORIM, Wilma M. **O amarelo da soja invade o cerrado**. 1996, 101f. Dissertação (Mestrado em História das sociedades agrárias), Universidade Federal de Goiás. Goiânia(GO). 1996.

BORGES, Barsanufu G. **Goiás: "modernização" e crise (1920-1960)**. 1994. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo. 1994.

_____. **Goiás nos quadros da economia nacional (1930-1940)**. Goiânia: ed. da UFG, 2000 (a).

_____. A economia goiana na divisão regional do trabalho (1930-1960). In: SILVA, Luiz S. Duarte da (Org.). **Relações cidade-campo: fronteiras**. Goiânia: ed. da UFG, 2000. p. 249-272 (b).

CAMPOS, Christiane S. S. **Complexo Agroindustrial, sob forma de cooperativas, na ocupação e uso do Cerrado - o caso da COMIGO em Rio Verde-GO**. Goiânia (GO), 1999, 123f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia (GO), 1999.

CARAMURU Alimentos Ltda. Disponível em: <<http://www.caramuru.com/home.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

CARGIL no Brasil. Disponível em: <<http://www.cargill.com.br>>. Acesso em: 27 jul. 2003 e 20 set. 2009.

CASTRO, Ana Célia; FONSECA, Maria da Graça D. **A dinâmica agroindustrial do Centro-Oeste**. Brasília: IPEA, 1995.

CLEPS JUNIOR, João. **Dinâmica e estratégias do setor agroindustrial no cerrado: o caso do Triângulo Mineiro**. 1998, 291p. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro (SP). 1998.

COMIGO. Cadastro da Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano Ltda - Comigo. Disponível em: <<http://www.comigo.com.br>>. Acesso em: 11 abr. 2009.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Modernização da Agricultura no Sudoeste de Goiás**. Rio de Janeiro: IBGE, 1982.

GRAZIANO da SILVA, José. Complexos agroindustriais e outros complexos. **Reforma Agrária**, p. 5-34, set/dez., 1991.

GONÇALVES, Claudécir. A Cooperativa Mista dos Produtores do Sudoeste Goiano (COMIGO) e o desenvolvimento da região de Rio Verde-GO. In: PEREIRA, Sebastião L.; XAVIER, Clésio L. (Org.). **O agronegócio nas terras de Goiás**. Uberlândia: ed. da UFU, 2003. p. 213-250.

INFORME COMIGO, Rio Verde, ano 17, n.193, p. 1-22, ago.-set.. 2001.

_____. Ano 7, n. 193, ago/set. 2001.

_____. Rio Verde, ano 17, n.203, p. 1-24, ago. 2002.

_____. Ano 7, n. 203, ago. 2002.

LUNAS, Divina L ; ORTEGA, Antônio C. A constituição do complexo agroindustrial da soja no Sudoeste Goiano. In: PEREIRA, Sebastião L.; XAVIER, Clésio L. (Org.). **O agronegócio nas terras de Goiás**. Uberlândia: ed. da UFU, 2003. p. 139-174.

MACHADO, Vilma de Fátima. **Sudoeste de Goiás: desenvolvimento desigual**. 1996, 143p. Dissertação (Mestrado em História das sociedades agrárias), Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO). 1996.

MARAFON, Glaucio José. **Constituição do complexo agroindustrial e a modernização da agricultura: o caso do município de Marau-RS**. 1998. 123 f. Dissertação (Mestrado em Geografia - Organização do Espaço), UNESP, IGCE, Rio Claro (SP), 1988.

_____. Industrialização da Agricultura e Formação do Complexo Agroindustrial no Brasil. **Geo UERJ**. Rio de Janeiro: UERJ, n. 3, p.7-21, jun., 1998.

_____. Organização do Complexo Agroindustrial soja no estado do Rio Grande do Sul. **Geo UERJ**. Rio de Janeiro: UERJ, nr 5, p.49-66, jan/jul, 1999.

MÜLLER, Geraldo. **O CAI Brasileiro e as Transnacionais e o CAI soja/indústria oleoginosas**. Rio de Janeiro: FVG, 1982. p. 149.

PERDIGÃO AGROINDUSTRIAL S/A. Disponível em:
<<http://www.perdigao.com.br>>. Acessado em: várias datas de 2003 a 2005.

PERDIGÃO HOJE, São Paulo, n. 53, p. 3, jul/ago. 2005.

PERDIGÃO HOJE. São Paulo, n. 54, set/out. 2005.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do séc. XXI**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 1-140.

Ronan Eustáquio Borges

Doutor em Geografia pela Unesp de Rio Claro-SP, professor Adjunto do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia Agrária e Dinâmicas Territoriais (NEPAT) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais (Laboter).
E-mail: ronanborges@iesa.ufg.br

Recebido para publicação em outubro de 2012
Aprovado para publicação em março de 2013